

Poesia, FRUTO PROIBIDO

Affonso Ávila lança *Égloga da maçã* e mostra por que é considerado um dos maiores poetas brasileiros

ANDRÉ DI BERNARDI BATISTA MENDES

mineiro Affonso Ávila é um dos nossos maiores escritores. Vencedor de vários prêmios literários do país, como o Jabuti de Poesia, em 2007, especialista no barroco mineiro, dono de uma erudição ativa, além de ser também ensaísta e crítico literário, o poeta dispensa apresentações. Pela Ateliê Editorial, Affonso acaba de lançar *Égloga da maçã*. Nesta nova coletânea, à moda dos poetas renascentistas, Affonso mostra que o seu modo de lidar com a palavra poética continua, no mínimo, frutífero, e rendendo boas surpresas.

A tal maçã, para Affonso, não é mera coisa, desprovida de senso e sentido. Vários riscos que um só nome sugere, o objeto-fruta que vejo não é o mesmo que o poeta bebe. A maçã de Affonso reordena-se em termos de novidade, ela agrega sentido e a suculência de algo que só pode ser dito através da pura poesia. A fruta, assim, pode ser e é também sinônimo de verso, é quadro vivo, é, ao mesmo tempo, fúria e sensatez.

O estilo de Affonso Ávila transforma a poesia, transforma tudo que é palavra em pasto para os bichos, em manjar para os marmanjos, mantilha para homens e mulheres. As palavras tornam-se delicadas e apetitosas. A força dessa poesia não tem nada de frugal. Capitaneadas por uma mera maçã, Affonso põe na roda um rodízio de coisas. Ele não deixa margens para o simples, sua poesia é, sim, difícil, mas é, acima de tudo, necessária. Como ainda são necessários rios e peixes. Como ainda são necessárias as fomes de comer e sobretudo as frutas.

O poeta escreve como quem retira um lacre, um invólucro, ele descortina palavras como quem descobre ventos, para achar e oferecer sabor e nutrição. Affonso respeita sua língua, o bom português e escreve como um esgrimista. Ele produz a partir do barro. Esse tipo de poesia surge como se águas surtassem, como se o poeta acendesse e mantivesse bem acesso algo forte, luminoso, no corpo e no espírito.

"Uma trasmontante demanda", o ar da graça, a fruta, a maçã de Affonso nasce pelas artes do mistério, ela chega e toma sua forma – emprestada sabe-se lá de que deuses – ao sabor de fluxos e refluxos de um inconsciente expectante e, ousado dizer, bem mais que sábio, ainda que tardio, mas túrgido de cores vivas e fortes. Affonso respeita o sumo, as forças leves/pesadas desse caldo. Por isso, às vezes, sua poesia torna-se quase incompreensível. É preciso preparo, é preciso olhos para ver, e bocas para bem comer.

Resta ao leitor apaziguar-se com o que sobre de ritmo e música que desce destes versos poderosos, que sobram desse doce mistério. O inconsciente não aceita versões e revisões. É preciso atenção e calma. É bom saber que existe um topo de signos e significados. Não há como saber de onde

vem o barulho do vento, "e o sumo do fruto acontece/e sublimado entretece/o amor palavra paradigma". O poeta põe suas cartas na mesa. A poesia de Affonso Ávila é generosa.

Resta ao leitor apaziguar-se. Ler (colher) certos poemas funciona. É como fazer um retorno, é como retomar o gosto de um tempo estranho, um tempo que não fica no distante. A maçã de Affonso está dependurada no instante. Agora já é possível buscar algum sentido naqueles versos. Quanto mais difícil, maior a ventania, e melhor o gozo. Claro e escuro, claro enigma, quase revelado.

RAZÃO E EMOÇÃO A poesia de Affonso Ávila encontra a justa medida entre o racional e o emocional. Entre o cimento e o flash, a rosa, surge a maçã suculenta do verso. Affonso é um homem de velocidades. Sua poesia, assim, não poderia nunca se render ao simples. Affonso se encontra e se perde num engarrafamento de coisas novas. Desarmado, de cara limpa, ele deixa claro e esclarece que tudo pode, que tudo pulsa de vida, da semente aos surgimentos. Relevante, inadequado, o poeta é sempre recorrente.

Affonso parece que escreve dominado, possuído diante de um fogo insubstituível, irrecusável em termos de forma e firmeza. A poesia de Affonso Ávila é puro conteúdo. O poeta escreve com "volúpia e ânsia de colheita". Mas existe alerta e cuidados com o que parece ser, mas não é: "Toda paixão é simbólica".

Como já disse, Affonso respeita e encara forças poderosas. É quando sua poesia, quando sua maçã torna-se grão de pecado, quando tanto vermelho rescende a sexo, quando tudo é "alucinação de mente ávida", quando surgem e crescem "corações batendo inéditos".

Affonso, assim, descobre, como descobriu Clarice ("como se agora, estendendo a mão no escuro e pegando uma maçã, ele reconhecesse nos dedos tão desajeitados pelo amor uma maçã"), Affonso reconhece, do seu jeito, a seu modo, a mesma rota, luzes nos mesmos indícios.

Poemas são sóis. Lê-los é descer um rio. Não cabe em tanta água, não serve para Affonso a dura pedra do ponto, que restringe, a inútil blusa da vírgula, que trunca e trava tudo que é nudez urgente. Beijou não seguem padrões. Ler um poema é se arriscar num jogo onde lutam, onde brincam de brincar touros e toureiros.

A maçã que se revela, que se dá, inteira, é também sinônimo de puro encanto. A maçã, específica, única, que se deixa olhar como algo que é cheio de urgência, como carne pronta para a fome, carrega o seu duro enigma decifrável. Aquela que enxerga corre riscos. A maçã, para Affonso, torna-se via estreita, é, ao mesmo tempo, porta e chave. Reconhecer é chegar. Ao deus-dará, ser poeta é atravessar. Affonso Ávila nasceu em Belo Horizonte em 1928.

O POETA
ESCREVE
COMO
QUEM
RETIRA
O LACRE



O poeta e ensaísta Affonso Ávila equilibra inteligência e emoção em seu livro poético de maturidade

ÉGLOGA DA MAÇÃ

- De Affonso Ávila
- Ateliê Editorial, 88 páginas, R\$ 35

ATELIÊ EDITORIAL/REPRODUÇÃO

ORELHA



Anne Rice já cortejou vampiros e anjos e agora mergulha no erotismo

Adormecida sensual

Uma das mais lidas autoras de fantasia, Anne Rice cantou a pedra dos vampiros antes da onda que tomou conta do mundo, com seu vampiro Lestat. Convertida ao catolicismo, abjurou dos sanguessugas e passou a publicar romances sobre anjos. Agora a escritora foi longe: decidiu recontar a história da Bela Adormecida em narrativa encharcada de sexo explícito, sadomasoquismo e outros temperos fortes ao estilo do Marquês de Sade. Como Anne Rice escreve muito, o conto de fadas rendeu uma trilogia que soma quase mil páginas: *Os desejos da Bela Adormecida*, *A punição da Bela* e *A libertação da Bela*. Os livros, que chegam ao Brasil pela Editora Rocco, foram publicados originalmente sob o pseudônimo de A. N. Roquelaur.

Portugal

A Editora Unesp anuncia para o mês que vem o lançamento de mais um estudo de José Ramos Tinhorão sobre as origens da nossa cultura popular. Desta vez, em *Festa de negro em devoção de branco*, Tinhorão viaja aos séculos 12 e 13 para falar da participação dos negros nos rituais católicos, que buscavam atrair novo público. O pesquisador revela que os portugueses, por muitos séculos, criaram um tabu sobre tema, como se quisessem apagar a influência africana em sua cultura. Para o autor, esses rituais religiosos portugueses antecipam o que depois seria o carnaval brasileiro. Além da música, sua especialidade, Tinhorão enriquece seu estudo com informações antropológicas, políticas e históricas.

Esquerda

A Editora Boitempo está lançando o número 18 da revista *Margem Esquerda*, uma das mais importantes publicações da área das ciências sociais e políticas do país. A entrevista que abre a nova edição é do teólogo da libertação e escritor Leonardo Boff, que falou sobre sua trajetória, formação e obra aos sociólogos Emir Sader e Michael Löwy. Ricardo Antunes é organizador do dossiê sobre a condição de precariedade da classe trabalhadora em escala global. Entre os artigos inéditos, Marcello Musto discute sobre a "Introdução" de 1857, a mais importante seção dos *Grundrisse*, de Karl Marx. Fabio Querido estabelece afinidades entre as reflexões teóricas e políticas de Rosa Luxemburgo e Walter Benjamin, enquanto Roberval dos Santos revisa as principais teses de Louis Althusser e discute sua última contribuição intelectual, o materialismo do encontro.

Arte e política

Agamben em dose dupla. Um dos mais importantes pensadores contemporâneos, o filósofo italiano Giorgio Agamben é tema de dois livros que estão chegando às livrarias em edição da Autêntica. *Introdução a Giorgio Agamben*, do filósofo argentino Edgardo Castro, apresenta os principais temas do autor e seu método, a arqueologia da potência. O estudo trata das abordagens do pensador acerca das diversas questões pelas quais enveredou, desde sua leitura da

modernidade até a biopolítica de Michel Foucault. O outro lançamento é *O homem sem conteúdo*, de Agamben, uma reflexão filosófica sobre a arte e seu destino.



EDITORIA AUTÊNTICA/REPRODUÇÃO

Para começar

Os títulos de filosofia voltados ao público amador estão em alta no mercado. Depois de lançar em março os livros sobre Freud, Jung e teoria quântica, a Editora Leya anuncia novo volume da coleção *Entendendo*, voltado para divulgação de autores e ideias, sempre em linguagem simples. Escrito por Dave Robinson e ilustrado por Judy Groves, a nova obra apresenta as origens da filosofia na Grécia, passando pelos principais filósofos e comentaristas contemporâneos. Os próximos títulos da série serão dedicados a Zizek e à psicanálise.

Vale do Aço

Começa dia 19 e vai até dia 24 a sexta edição do Salão do Livro do Vale do Aço. Além de reunir editoras e distribuidoras locais, regionais e nacionais, a tradicional feira de livros também será palco para lançamento de talentos e escritores independentes. As novidades ficarão por conta do Cineminha Literário, com filmes que fazem parte do acervo do Festival Internacional de Curtas-Metragens. Fernanda Takai, Márcia Tiburi, Juan Pablo Villalobos (foto), Carlos Herculano e Luis Giffoni já confirmaram presença. A programação cultural será realizada simultaneamente nas cidades de Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo e Belo Oriente.



RENDID PARADA/DIVULGAÇÃO